



## **A Busca Contínua pela Cura**

Priscilla AGUIAR<sup>1</sup>  
Soraya Venegas FERREIRA<sup>2</sup>

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O Instituto Vital Brazil (IVB) criado em 03 de julho de 1919, pelo médico Vital Brazil está localizado em Niterói e atende a todo o setor público, através da produção de medicamentos, produtos biológicos, quimioterápicos e imunobiológicos de uso humano. O instituto realiza ainda estudos e pesquisas no campo farmacêutico, biológico, econômico e social e, desde 2001, é o único no Brasil a produzir soro contra picadas da aranha viúva negra, cujo veneno é tão tóxico que pode levar à morte. Para mostrar um pouco do trabalho desenvolvido no IVB e como avaliação final da disciplina Fotojornalismo foi feita a cobertura fotojornalística das atividades de extração de veneno de aranhas e cobras, bem como da produção e embalagem de soro. O contato com os cientistas e animais produziu imagens impactantes que podem ser usadas também em matérias institucionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotojornalismo, Comunicação Institucional, Instituto Vital Brazil, Saúde Pública, Soro Antiofídico

### **OBJETIVO**

A foto apresentada faz parte de um ensaio fotográfico, composto por dez imagens, que teve como objetivo usar a fotografia como fonte de informação e divulgação do trabalho científico do Instituto Vital Brazil.(IVB)

A maioria de nós sente repulsa ou medo de cobras. Como atividade prática da disciplina Fotojornalismo, oferecida no terceiro período do Curso de Comunicação Social, esse trabalho demonstrou de modo prático, que é possível “ver” as cobras como “colaboradoras” da ciência. Assim, a comunicação em imagem foi usada para vivência pessoal, divulgação do trabalho dos nossos cientistas e incentivar alunos que tenham aptidão para o campo das Ciências Biológicas, a visitar e conhecer o Instituto Vital Brazil.

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Comunicação Social da UNESA-RJ, email: [priscilla.ba@gmail.com](mailto:priscilla.ba@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UNESA-RJ, email: [professora.soraya@yahoo.com.br](mailto:professora.soraya@yahoo.com.br)



## JUSTIFICATIVA

Ler sobre determinado assunto é uma parte do conhecimento; vivenciar na prática o desenvolvimento de métodos e técnicas é mais abrangente. Nesse sentido, a atividade prática de fotojornalismo propiciou a experiência de conversar com os profissionais do Instituto Vital Brazil e participar na extração do veneno da cobra, o que me levou a querer usar a comunicação para divulgar esse difícil e imprescindível trabalho. Senti orgulho de ser brasileira e saber que dentro do nosso País, temos um nível de científico que não fica devendo nada aos países considerados desenvolvidos.

Jon Lomberg, um artista que trabalha em projetos para a divulgação na área espacial conta uma experiência sobre a dificuldade de Trabalhar em organizações que atuam com ciência: "Uma Vez participei de uma reunião convocada pela NASA para melhorar suas comunicações. Sentados ao redor da mesa, com o Administrador da Nasa, estavam vários burocratas, uma dúzia de cientistas, alguns professores, alguns escritores de ciências, mas exceto por mim e outro artista/astrônomo não havia ninguém perito em apresentação visual da ciência, nenhum desenhista de museu, nenhum diretor de arte de revista, nenhum produtor de filme ou fotógrafo, nenhum produtor de televisão, nenhum mago de efeitos especiais, nenhum gênio em computação gráfica. Só de olhar a lista de presentes já fica claro qual era o problema da Nasa em relação à comunicação. E é um problema que não é restrito só a NASA." De fato o problema não é apenas com a Nasa. Mesmo com equipes especializadas e estruturadas adequadas, ainda existe certa incompreensão não sobre o papel e exigências, mas também sobre o potencial do uso da comunicação para ajudar as instituições de ciência a definirem e atingirem seus objetivos.

Albert Einstein certa vez chamou a atenção para a importância de “que seja dada ao público em geral a oportunidade de entrar em contato conscienciosa e inteligentemente com os esforços e os resultados da pesquisa científica”. Assim é preciso que o público tome conhecimento dos avanços científicos de maneira acessível ao leitor médio. Embora sejam assuntos áridos e de difícil abordagem essa “tradução” é justamente a função do jornalismo, que para alcançar tal objetivo deve lançar mão de todas às linguagens, sejam elas textuais ou imagéticas. Para Einstein, “não é suficiente que cada resultado seja apreendido, elaborado e aplicado apenas por uns poucos especialistas no campo. Restringir a parte principal do conhecimento a um pequeno grupo enfraquece o espírito filosófico e conduz à pobreza espiritual”.

Todos concordamos com a frase, mas note-se que Einstein destaca a importância da democratização da ciência de modo a estabelecer níveis mais altos de incorporação de sua prática pela sociedade. Esta percepção sugere a necessidade de existirem mecanismos e



processos para que as pessoas conheçam, envolvam-se, participem, discutam, questionem a ciência e não apenas sejam informadas sobre seus avanços.

O desafio maior das instituições é fazer com que as pessoas não apenas tenham interesse pela ciência – uma etapa já superada, todas pesquisas mostram – mas que nela encontrem respostas a sua curiosidade em compreender a natureza, a sociedade, seu semelhante. Por isso, é pouco provável que apenas pela ciência estar presente no noticiário signifique que as instituições científicas e veículos de comunicação estão cumprindo seu papel de educar ou ajudar o cidadão. A tarefa de educação científica exige muito mais do que freqüentes 60 segundos no horário nobre ou página cativa em alguns jornais de boa tiragem.

A fotografia é de importância extrema - estudos realizados provam que, depois dos títulos e antetítulos, as fotos e respectivas legendas são a segunda coisa a que a esmagadora maioria dos leitores atentam no jornalismo. Uma boa foto fala por si (“vale mil palavras” - como é lugar comum dizer-se). Confirma, comprova, verifica os dados apresentados na notícia; e, se bem conseguida, deverá ser um objeto com valor estético autônomo. A fotografia é uma forma atraente e capaz de chamar a atenção de maneira mais impactante para um tema de difícil abordagem na imprensa.

Há 90 anos, o Instituto Vital Brazil é reconhecido como um importante centro de pesquisas, ensino, desenvolvimento e produção de imunobiológicos, medicamentos, insumos e tecnologia para saúde. Ele é um dos 18 laboratórios oficiais brasileiros e um dos três fornecedores de soros hiperimunes para o Ministério da Saúde, que os distribui por todo o Brasil. O IVB é um dos maiores criadores de cobaias em todo o Brasil. Fornece cerca de 200 cobaias por mês para o Instituto Butantan e para a Fundação Ataulpho de Paiva.

Embora o IVB tenha se dedicado a estudos com animais peçonhentos e venenosos (serpentes, aranhas, escorpiões, lacraias, sapos etc.) muitas outras áreas de importância em saúde pública (produção e aprimoramento de medicamentos, imunologia, microbiologia, veterinária, cirurgia experimental, higiene, etc.) foram estudadas, produzindo importantes contribuições à melhoria das condições de vida da população brasileira.

O IVB oferece uma série de cursos e palestras através do Centro de Estudos. As equipes do Serpentário e dos Artrópodos prestam importante serviço à população, prefeituras e empresas. Além de criarem os animais dos quais serão extraídos os venenos para produção dos soros, elas capturam cobras, aranhas e escorpiões, dão consultoria e treinamentos. A cada ano mais de seis mil pessoas aprendem a identificar e a capturar as



espécies, evitar infestações e a fazer o controle biológico, quando necessário, prevenindo acidentes com animais peçonhentos.

Desse modo, propor a disciplina de fotojornalismo um trabalho sobre jornalismo científico se mostrava ao mesmo tempo inovador e desafiador. Essa proposta fugia do lugar-comum das pautas de turismo, cultura ou causas sociais, cujo potencial de imagem já é por demais conhecido. Além disso, promoveria através da imagem (o que ainda é mais incomum) o conhecimento a cerca do trabalho de um instituto científico importante e que pouco é mostrado seja na mídia local ou nacional.

O poder de convencimento da imagem fotográfica influencia a leitura, o aprendizado diário. Lúcia Santaella afirma que os artistas foram os primeiros a perceber que a fotografia exerce subliminarmente muito mais influência sobre a nossa leitura do mundo do que se poderia imaginar. E hoje, mais do que nunca, devido à grande quantidade de informações a qual somos expostos, a cognição se faz pelo visual. A primeira vista é o censor responsável em separar o que ler daquilo que deve ser ignorado. Dentro desse processo, a fotografia atua, cada vez mais, como ponto de referência na escolha da notícia a ser lida. O leitor precisa ver a notícia para que passe a existir o acontecimento. A realidade está nas imagens, com elas a leitura torna-se claro, o texto fica mais leve, mais “inteligível”, atraindo a atenção do receptor e informando mais facilmente.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Para desenvolver o trabalho de reportagem fotográfica, foi feito contato com o Instituto e agendado melhor dia e horário para visita e realização das fotografias. No Instituto é feita uma extração de veneno aberta ao público todas as sextas-feiras na parte da manhã, porém os biólogos fizeram uma extração fechada para que fosse possível fotografar melhor. Anotei todos os detalhes relevantes da história do instituto, desde sua fundação. O equipamento escolhido para a tarefa foi uma câmera fotográfica Canon EOS 350D / Digital Rebel XT.

Os primeiros a serem fotografados foram os animais, começou-se pelo serpentário, onde foram registradas as serpentes peçonhentas, que são aquelas que representam risco de acidentes, através da picada, cujo veneno ocasiona diversos sintomas, que podem conduzir à morte caso não haja tratamento específico adequado. O próximo passo era o aracnário, onde foram fotografadas as aranhas viúvas-negra, cujo veneno é muito tóxico para o homem, ataca o sistema nervoso provocando dores musculares muito intensas, náuseas, dor

de cabeça e alterações cárdio-respiratórias, sendo mais grave em crianças e podendo causar acidentes fatais em pessoas sensíveis. As aranhas marrons cujo o veneno é extremamente tóxico para o organismo humano e o local da picada apresenta bolhas; inchaço; aumento de temperatura e lesões hemorrágicas; com ou sem dor em queimação foram destacadas fotograficamente.

Das aranhas, partiu-se para o escorpião-amarelo que é considerado o escorpião mais perigoso da América do Sul. Após fotografar os animais, foi possível acompanhar e fotografar todo o processo de produção de soros e vacinas desde a extração do veneno até a embalagem do medicamento. A opção de edição para inclusão do trabalho na Expocom justifica-se por essa ter sido considerada a foto mais impactante ao mostrar o exato momento em que o veneno é extraído da serpente. Essa imagem selecionada para ser a imagem de abertura do ensaio é aquela que melhor sintetiza o trabalho desenvolvido e a finalidade do Instituto Vital Brazil.

As imagens a seguir demonstram o processo de construção do ensaio fotográfico desenvolvido no primeiro semestre de 2009, como trabalho final da disciplina Fotojornalismo.



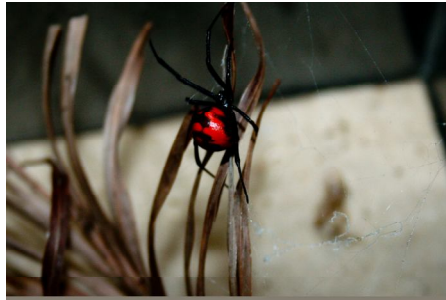
Dr. Aníbal fazendo a extração do veneno da serpente



O veneno das serpentes congelado



Ampolas de soro antibotrópico



Aranha Viúva-Negra

Processo final do soro antibotrópico



Escorpião-amarelo

## DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A fotografia apresentada foi obtida com a câmera digital Canon EOS 350D / Digital Rebel XT e a opção pelo enquadramento fechado visa isolar a serpente e o recipiente para extração do veneno de qualquer fundo que pudesse atrapalhar a apreensão da mensagem principal. A escolha pelo uso de diafragma aberto resultou numa foto sem profundidade de campo, o que garantiria o desfoque do que estivesse no fundo da imagem, que nesse caso era o cientista que realizava o processo de extração e imobilizada a cobra. O impacto da imagem se completa com a escolha do momento decisivo para o clique: o instante em que a gota de veneno cai.

Essas estratégias discursivas, registradas numa imagem vertical (que inclusive poderia ser usada como capa de uma publicação), fazem com a fotografia seja jornalística ao sintetizar elementos informativos sobre o trabalho do Instituto numa imagem colorida e impactante.

## CONSIDERAÇÕES

Apesar de não ser tão claramente perceptível quanto nas fotos de populações em situação de abandono, caos urbano, criminalidade e outros assuntos tradicionalmente premiados na categoria fotojornalismo, a imagem apresentada também apresenta relevância em termos informativos e sociais. A foto chama atenção para o trabalho do Instituto Vital Brazil, que é um tradicional produtor de soros hiperimunes. Lá são produzidos antídotos contra tétano, raiva e antipeçonhentos, usados no tratamento de acidentes com cobras, aranhas e escorpiões. Esses soros produzidos nos laboratórios oficiais não podem ser



encontrados em farmácias nem no próprio IVB e não são vendidos a particulares. São aplicados nos Pólos de Atendimento, rede de hospitais estrategicamente localizados, para atendimento gratuito aos acidentados.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

<http://www.ivb.rj.gov.br/>

<http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/index.htm>

<http://www.eca.usp.br/njr/espisal/noosfera25b.htm>